

O ENIGMA EUROPEU

por Mário Soares

A crise que ataca hoje a União Europeia começou, como se sabe, nos Estados Unidos, em 2007, com as perdas ligadas ao subprime e às facilidades dadas, com créditos hipotecários, para as compras do imobiliário. Em Setembro de 2008 deu-se a falência do banco americano Lehman Brothers, que teve uma repercussão imensa nos Estados Unidos e também, num tempo mais lento, na União Europeia.

Em Novembro de 2008 Barack Obama foi eleito presidente dos Estados Unidos, mas a esperança criada pela sua eleição, em todo o Mundo, não teve forças bastantes para vencer uma crise do capitalismo só comparável à de 1929, que esteve, aliás, na origem da II grande guerra mundial. Os republicanos americanos tudo fizeram para dificultar as coisas...

Em Dezembro de 2008 a primeira vítima dos mercados usurários foi a Grécia. Depois a Irlanda e a seguir Portugal, entraram sucessivamente, em grandes dificuldades. O problema grego poderia ter sido resolvido facilmente se houvesse solidariedade europeia. Mas não houve. A Alemanha e a Chanceler Merkel, com o beneplácito do então Presidente Sarkozy, não o entenderam assim. As instituições europeias, sobretudo da zona euro, apesar dos alertas que lhes foram dirigidos, por economistas prémios Nobel, como Joseph Stiglitz e Paul Krugman (entre outros) não serviram para abrir os olhos aos principais dirigentes europeus, institucionais e nacionais. Até hoje!

Desde então, a crise europeia só tem vindo, perigosamente, a agravar-se. Os mercados especulativos estão cada vez mais agressivos e dominam alguns Estados-vítimas, ao contrário do que devia acontecer. Nestes últimos meses a crise europeia atingiu a Espanha e, quase ao mesmo tempo a Itália, país fundador da CEE, hoje União Europeia. O Reino Unido que sempre considerou o projecto europeu como uma EFTA em ponto grande nunca deixou de ter moeda própria, a libra. Por isso, não aderiu ao euro. Afastou-se definitivamente da zona euro, apesar da situação de crise grave que afecta o Reino Unido. Uma catástrofe à vista para um dos Estados vencedores da II grande guerra, membro permanente do Conselho de Segurança da ONU.

A França e a Bélgica, capital da União, parecem ser as próximas vítimas dos mercados usurários. A moeda única - o euro - caiu um pouco, mas não deixou de ser uma moeda forte, cujo colapso seria uma catástrofe para os Estados-membros, a começar pela Alemanha e alastrando-se depois ao Mundo inteiro. O Presidente Hollande tem, claramente, uma visão diferente para preservar o euro e vencer a crise. Mas a situação em que encontrou o seu próprio País trava-lhe os passos... Conseguiu, no entanto, encontrar um acordo com a Chanceler Merkel, para salvar a Grécia e, conseqüentemente, o euro. Veremos se isso acontece, depois do alerta tão trágico que acaba de fazer o primeiro-ministro italiano, Mário Monti.

O alto funcionalismo da União, instalado em Bruxelas, não sabe o que fazer. Sucedem-se as Cimeiras mas a paralisia continua. A falta de coragem para tomar decisões é impressionante e total. Teme perder os empregos milionários. A Troika (FMI, BCE e Comissão Europeia) não se entende, dado que tem posições diferentes quanto ao futuro. Os alertas de grandes figuras do passado - Kohl, Schmidt, Delors, Felipe Gonzalez, entre outros - não são ouvidos.

É neste contexto do absurdo que surgiu uma proposta importante do italiano, presidente do BCE, Mario Draghi, para salvar o euro e vencer a crise. Pareceu desejar preencher o vazio da liderança política europeia. Com o seu vice-presidente, Victor Constâncio, sempre silencioso e sorridente, a seu lado. Seria um passo decisivo importante. Mas do dia 26 de Julho para a semana passada, o Bundesbank ter-se-á oposto à proposta de Draghi. E, entretanto, vão todos para férias. Até Setembro... Enquanto os Estados Unidos, que contagiaram a Europa, estão agora a ser contagiados pela União Europeia, para desespero de Obama. Até a China parece estar a entrar em dificuldades.

Portugal também entrou em férias: o Presidente da República, o Parlamento e o Governo, a prestações... O problema é que com o País a empobrecer e o desemprego a crescer, cada dia mais, grande parte dos portugueses não podem ter férias. Por outro lado, as jóias da coroa, com as privatizações sem transparência nem se saber como, vão desaparecendo. Uma desgraça irreparável, que é necessário combater. A austeridade, todos sabemos, não leva a lugar nenhum. O importante é lutar contra a recessão e o flagelo do desemprego. Para salvar Portugal.

Lisboa, 9 de Agosto de 2012